

INTERCULTURALIDADE, IDENTIDADE E PENSAMENTO AFRICANO

Domingos Mula Ca Junior¹, Ramon Souza capelle de Andrade²

Resumo: O presente projeto de pesquisa tem por objetivo oferecer uma caracterização da noção de interculturalidade e da noção de pessoa no pensamento africano, em comparação com a noção ocidental de pessoa. Nesse sentido, podemos dizer que a interculturalidade constitui propriedade de um espaço social no âmbito do qual há uma verdadeira multiplicidade de agentes e modos de vida em interação e coexistência. Mas é importante destacar que a interação (étnica, linguística e/ou comportamental) entre os diversos agentes e modos de vida, reunidos em um espaço social em benefício de um propósito comum [no caso da UNILAB, construção de conhecimento relevante à luz de uma perspectiva humanista e solidária], deve se desdobrar em termos de um absoluto respeito pelo diferente ou diverso ou, em outras palavras, (i) *sem qualquer forma de preconceito (étnico, de gênero, linguístico e/ou comportamental)*, (ii) *sem qualquer pressuposição de superioridade racial* e (iii) *sem exibir qualquer modalidade de exclusão social*. É nesse contexto, de afirmação de identidades, que abordaremos a concepção de pessoa presente no pensamento africano e os traços mais gerais de um modelo de desenvolvimento próximo à realidade histórica do continente africano, procurando de uma forma entender o pensamento africano quais os caminhos a percorrer para alcançar o desenvolvimento.

Palavras-chave: interculturalidade. identidade. ser africano.

INTRODUÇÃO

O percurso adotado por esse trabalho pode ser assim resumido: em primeiro lugar, abordamos a temática da interculturalidade, caracterizando-a, de modo parcial e provisório, como um movimento de interação, comunicação, aprendizagem e cooperação entre culturas em condições de respeito, legitimidade, e igualdade (ou, em outras palavras, a interculturalidade envolve e pressupõe uma interação entre culturas que se desdobra sem qualquer forma de preconceito (étnico, de gênero, linguístico e/ou comportamental), sem qualquer pressuposição de superioridade racial e sem exibir qualquer modalidade de exclusão social. A interculturalidade constitui, nesse sentido, pilar de sustentação da UNILAB, universidade que nasce com o objetivo de promover o desenvolvimento do Maciço de Baturité (no interior do Ceará) e a cooperação solidária, no âmbito das

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, discente de História, e-mail: nas-b@live.com

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, docente do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, e-mail: ramon.capelle@unilab.edu.br

atividades de ensino, pesquisa e extensão, entre os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Sendo assim, as Diretrizes Gerais da UNILAB, como apontamos em segundo lugar (ou na segunda seção do TCC), indicam, ideal ou normativamente, a necessidade de um profundo respeito e valorização da diferença expressas pelas múltiplas matrizes culturais presentes na UNILAB.

METODOLOGIA

Adotamos, como estratégia metodológica, à leitura, análise e reflexão filosófica acerca de textos sobre interculturalidade, identidade e pensamento africano. O resultado constitui à escritura de texto acadêmico, de natureza filosófica, sobre interculturalidade, identidade e pensamento africano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente projeto de pesquisa tem por objetivo oferecer uma caracterização da noção de interculturalidade e da noção de pessoa no pensamento africano, em comparação com a noção ocidental de pessoa. Nesse sentido, podemos dizer que a interculturalidade constitui propriedade de um espaço social no âmbito do qual há uma verdadeira multiplicidade de agentes e modos de vida em interação e coexistência. Mas é importante destacar que a interação (étnica, linguística e/ou comportamental) entre os diversos agentes e modos de vida, reunidos em um espaço social em benefício de um propósito comum [no caso da UNILAB, construção de conhecimento relevante à luz de uma perspectiva humanista e solidária], deve se desdobrar em termos de um absoluto respeito pelo diferente ou diverso ou, em outras palavras, (i) *sem qualquer forma de preconceito (étnico, de gênero, linguístico e/ou comportamental)*, (ii) *sem qualquer pressuposição de superioridade racial* e (iii) *sem exibir qualquer modalidade de exclusão social*. É nesse contexto, de afirmação de identidades, que abordaremos a concepção de pessoa presente no pensamento africano e os traços mais gerais de um modelo de desenvolvimento próximo à realidade histórica do continente africano.

A afirmação da identidade africana pressupõe, pois, a ressignificação desse processo de aprisionamento, de não-ser. O que requer um enraizamento do ser africano

no solo original dos valores e hábitos do passado, mas em processo permanente de interação e ajuste recíproco (em pé de igualdade ou sem pressuposição de superioridade ou inferioridade racial e cultural) às novas, e globalizadas, tendências e influências interculturais. O referente de “ser africano”, ou “do modo de ser africano”, é radicalmente diferente do referente de “negro”. O que chamamos de “negro”, no contexto da raça, constitui mera invenção do capitalismo para tentar converter/fazer corresponder o conjunto das pessoas (do ser africano) em mercadoria, mero meio para atingir um fim, através da exploração da força de trabalho, indicando-o como um homem-objeto, uma homem coisa (supostamente destituído de humanidade). Devemos, contudo, e aqui falamos da condição de ser africano, metamorfosear o sentido/significado da palavra “negro”, fazendo corresponder à uma progressiva afirmação do modo de ser africano. Nesse sentido metamorfoseado é que reconhecemos a luta e esforço de ícones como, digamos exemplarmente, Malcom X, Martin Luther King, que tiveram, por assim dizer, como progressão os dois mandatos de um presidente Afro-Americano, Barack Obama; provavelmente um dos maiores acontecimentos ligado à trajetória de luta do “negro” ou do que é ser negro no mundo. Implícito nessa narrativa está, como mencionamos, a ideia de que não podemos recorrer à colonização como o único responsável direto por virtualmente tudo o que hoje acontece de “negativo/inadequado” em África. Inegável é que o imperialismo ocidental tenha deixado marcas, mas ele não pode ser responsabilizado, em tempos atuais, pela ausência de um modelo de desenvolvimento para a África em harmonia com a identidade afirmada do ser africano. Um modelo que venha a romper com empréstimos e pesada ou esmagadora dependência em relação à economia ocidental, exaltando ou promovendo, por outro lado, à industrialização, o desenvolvimento do mercado interno e a circulação endógena de “símbolos”, produtos, bens e serviços em conformidade com valores tradicionais adaptados e ressignificados a um mundo e uma África cada vez mais Inter e multicultural. Em outras palavras, podemos ou, mais acertadamente, devemos observar e seguir a nossa identidade não apenas superficialmente nas roupas, nos hábitos e costumes, mas, também, e mais profundamente, à luz de um modelo de desenvolvimento em harmonia com valores ancestrais, que nos fortalecem como ser africano (e como a fonte dos hábitos e costumes

que mais aparentemente nos caracterizam como coletividade). É claro que à explicitação do que é ou como seria tal modelo em muito foge do escopo da presente proposta de iniciação científica, por ocasião do presente relatório final de pesquisa.

Mas vale à pena destacar, de passagem, que no âmbito da concepção africana, a pessoa é muito mais que um-eu-subjetivo, constituindo uma rede de relações que integra múltiplos agentes. Isso transparece no trabalho de Sekou Toure (1959, p. 94), para quem “[...] a sociedade africana confere mais ênfase ao grupo do que ao indivíduo”, “[...] mais ênfase à solidariedade do que às necessidades e demandas dos indivíduos”, e mais ênfase à “[...] comunhão entre as pessoas do que à autonomia das pessoas”. Lidaríamos com uma subjetividade difusa, ou dissolvida na comunidade. Esse dissolvimento é sistêmico, e está em consonância com os princípios da Teoria Geral dos Sistemas. Quando, por exemplo, uma parte de um organismo (como sistema) adoece, todo organismo, em algum grau, é afetado ou adoece junto, como sistema. De modo similar, quando um membro de um grupo ou clã merece glória ou é honrado, todo grupo ou clã (como sistema) compartilha desse contentamento, e se alegra como uma “unidade coletiva”, e isso não apenas em sentido metafórico e/ou psicológico, mas ontologicamente (basta, no caso da UNILAB, comparar uma defesa de TCC de estudante internacional com a defesa de um estudante nacional. Na defesa do internacional, exemplarmente de um estudante da Guiné-Bissau, toda à comunidade aparece e como que vibra e se alegra coletivamente. Na defesa de um estudante nacional, em geral apenas os amigos mais próximos participam).

CONCLUSÕES

A identidade cultural estaria, de modo semelhante, baseada em um feixe de hábitos (ou *ethos*) coletivo, padrões compartilhados de conduta, intrinsecamente significativos, mas variáveis de cultura para cultura. (iii) Um modelo de desenvolvimento para África, compatível com o *ethos do modo de ser africano*, requer, envolve e pressupõe o incentivo ou a promoção em escala ampliada da produção local, dos recursos naturais, em conformidade com à realidade social africana, com os costumes locais, o que, por sua vez, necessariamente passa pela criação e pelo fortalecimento do mercado interno. É preciso romper com à colonialidade, usufruindo dos recursos explorados internamente via produção, industrialização e não via exportação bruta de recursos naturais para o

ocidente (tudo isso de modo à promover, em âmbito institucional ou nas esferas de governo e/ou poder, a justiça social, um dos pilares da interculturalidade).

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PIBIC e ao meu Orientador.

REFERÊNCIAS

- APPIAH, K; A. *Na casa de meu pai*: Tradução Vera Ribeiro. 1ª edição; 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DALCIM, V.L. *A mobilidade dos estudantes universitários*. Universidade de Lisboa (Dissertação), 2011. kkkkkkk
- DU BOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.
- ELUNGU, P.E.A. *Tradição africana e racionalidade moderna*. Lisboa: Pedagogo, 2014.
- MBEMBE, A. As formas Africanas de Auto inscrição. *In: Estudos Afro-Asiáticos*. Chicago, 2001 p. 171 a 209.
- MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Editora Vozes Limitada, 2008.
- SEKOU TOURE, A. *Presence Africaine*. Vol 24, 25. 1959.